

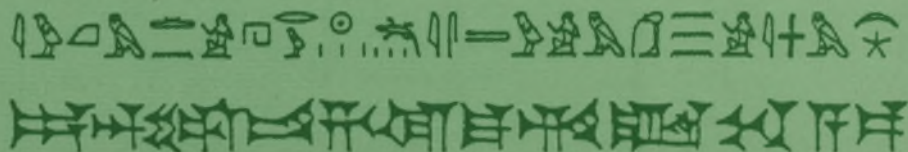
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri



mais importantes colinas habitadas da fossa do Jordão» (p. 101) – com Sukkot.

O artigo «Arqueologia» é obviamente desenvolvido e bem tratado – história da investigação e métodos. A apresentação destes (p. 38) começa com duas citações: «Escavar é uma arte e uma ciência» (W. F. Albright); «não um único método de escavação correcto, mas muitos errados» (M. Wheeler). Só se estranha que não se confronte o método vertical, aperfeiçoado por este e praticado pela generalidade dos arqueólogos ingleses e americanos (com excepção de Albright), e o método horizontal, da simpatia de israelitas e franceses. Só por lapso, não se menciona na história da investigação a para o tempo excelente escavação de Jericó por E. Sellin e C. Watzinger em 1907-1909 (p. 37). É preciso saltar ao artigo «Jericó» (Jericho) para colmatar a lacuna (p. 209), depois da nota sobre o desânimo de C. Warren em 1868 (a curta «escavação» convenceu que o lugar não valia a pena) e antes da menção das campanhas de J. Garstang (1930-1936) e K. Kenyon (1952-58).

Mal se nota um certo fundamentalismo israelita: a estela de Merenptah relataria «como os Israelitas penetraram em Canaã enquanto liga tribal» (p. 193). O historiador fica espantado como um clã a movimentar-se algures na montanha central da Palestina é transformado de um golpe em «liga tribal». Se não é ignorado, o Novo Testamento tem uma presença demasiado discreta no «Dicionário» (só duas citações dos *Actos dos Apóstolos* em «Damasco» e três linhas em «Nazaré»). Altíssima é a data da primeira penetração de «Amoritas na Mesopotâmia (p. 25: 3000 a. C.!). Que havia semitas vindos de Oeste, não há dúvida. Mas ninguém lhes chamou «Mar.tu» nem «amurru», que se saiba. Pequenos lapsos que não tiram mérito à Obra, globalmente muito bem conseguida.

José Nunes Carreira

GAY ROBINS, *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*, University of Texas Press, Austin, 1994, 284 pp., ISBN 0-292-77064-2

Gay Robins, assistente de Arte do Antigo Egipto e do Próximo Oriente na Emory University (Texas) e conservadora da secção de arte egípcia no Museu da Universidade Michael C. Carlos, oferece-nos neste belo volume um profundo estudo sobre as grelhas preliminares, orientadoras da

proporção e estilo, que o artista egípcio traçava antes de iniciar o seu trabalho de escultura.

Foi, em grande parte, da releitura do clássico, e todavia incompleto, estudo de Erik Iversen, *Canon and Proportion in Egyptian Art* (Londres, 1955), o qual viria a ter uma segunda edição (Warminster, 1975), que, segundo a Autora, discípula do Professor John Baines, nasceria a inspiração para a elaboração da presente obra. Esta é basicamente fundamentada num aturado trabalho prático que decorreu no Egipto, entre 1984 e 1986 (região tebana, Amarna, Meir e Beni Hassan) prosseguida depois com visitas de estudo a vários museus da Europa e dos Estados Unidos (Acknowledgments, pp. IX-X).

A Introdução (pp. 1-30) vem lembrar-nos a forma típica e canónica de representação da figura humana, os problemas e as soluções adoptadas quanto ao seu posicionamento, tendo em conta que “there was no single rigid rule that dictated how these figures had to be draw” (p. 19). Embora os princípios básicos sejam os mesmos, não deixam de ser perceptíveis as diferenças entre as representações formais (os deuses, reis e membros da família real, os proprietários do túmulo e seus familiares) e as informais (cenas do dia-a-dia, com os homens e mulheres que trabalham na casa ou nos campos do defunto desempenhando aí as suas actividades). São em seguida descritas as diversas fases da composição do tema, a preparação da superfície para o desenho e a gravação, e a implantação das prévias quadrículas, algumas das quais ainda hoje podem ser observadas nas decorações de templos e túmulos.

“Previous Work on the Grid and Proportions” (pp. 31-56) é o título do capítulo que evoca os diversos estudos dedicados à temática elaborados nos séculos XIX e XX. De entre eles destacam-se o da francesa Marcelle Baud, *Les Dessins ébauchés de la nécropole thébaine* (Cairo, 1935) e o do dinamarquês Erik Iversen, acima mencionado. Quanto ao trabalho deste último, ele seria mais uma abordagem teórica do que o resultado prático de trabalhos de campo (p. 40), com o senão de se apresentar como um sistema rígido e conter diversas insuficiências devido a uma errada interpretação dos exemplos disponíveis (pp. 54-56). Um dos erros apontados reside do facto de Iversen considerar idênticas as proporções da quadrícula no Império Novo e no Império Antigo, quando afinal elas variaram ao longo dos séculos. O autor citado esqueceu-se, enfim, que “the Egyptians were accomplished artists, not mechanical copyists” (p. 56).

Em “Methods” (pp. 57-63) tomamos conhecimento da metodologia usada pela Autora para a execução do seu trabalho, quer através de medições e fotografias feitas nos túmulos e nos museus que visitou, quer compulsando as obras dos vários egiptólogos citados.

Dois capítulos tratam da evolução da prévia quadrícula de apoio: “Proportions in the Old and Middle Kingdoms” (pp. 64-86), complementado pelas “Proportions in the New Kingdom” (pp. 87-118), aqui se destacando a arte do importante período de Amarna-Akhetaton a justificar todo um capítulo (“Changes in the Amarna Period”, pp. 119-159). O sistema de implantação das figuras humana na quadrícula não se atesta antes do Império Médio, utilizando os artistas, a partir da V dinastia e até finais do Primeiro Período Intermediário, várias linhas de apoio, sendo as duas principais a que marcava os ombros e a que cruzava pelos joelhos. Por vezes surge uma linha vertical que, passando pela orelha, divide o corpo em duas partes (p. 64, com exemplos nas pp. 65-69). O sistema não irá conhecer alterações substanciais do Império Médio para o Império Novo, mas as poucas que se registam são as suficientes para marcar uma diferença de estilo: a mais notória, que é típica da cosmopolita e rica XVIII dinastia, traduz-se numa feminização das figuras reais, inclusive nas imagens dos enérgicos faraós combatentes dessa época expansionista.

A grande exceção no Império Novo é, sem dúvida, o efémero período amarniano. Se bem que a prévia quadrícula continuasse a ser usada, ela sofre no entanto alterações: os anteriores 18 quadrados passam a 22 para as figurações reais e dos altos funcionários. A preferência de tão marcante período vai para a representação de uma única cena num mesmo espaço com pequenas figuras (das quais se destaca, quando ela aparece, a imagem do rei), a pose bastante vergada dos funcionários e servidores, o desaparecimento das habituais divindades, e uma nítida preferência pelas linhas curvas (à exceção dos rectilíneos e benfazejos raios de Aton). Depois, com Tutankhamon e Horemheb, é o já conhecido “Return to Orthodoxy”, que, entre outras particularidades, impõe novamente a quadrícula de 18 (pp. 148-159).

O dinâmico “renascimento saíta” e a subsequente Época Greco-romana (com especial relevo para a dinastia ptolemaica) merecem apropriado desenvolvimento em “The Late Period and After” (pp. 160-181). É que um outro tipo de quadrícula surge com a XXV dinastia (21 quadrados), levando a novas proporções que, adoptadas pelos artistas da XXVI dinastia saíta, ainda serão mantidas sob o domínio persa (XXVII dinastia)

e pelos Ptolemeus (séculos III-I a. C.), continuando sob os Romanos (são conhecidos baixos-relevos de vários imperadores de Roma tratados em faraónicas poses).

Percorridos os três mil anos de história, detém-se então a Autora sobre temática subsidiária: "Composition and the Grid" (pp. 182-200), com as quadrículas simples e múltiplas em cenas compósitas, figuras de pé e sentadas numa mesma escala, figuras mumiformes itifálicas (Min e Amon-Ré); e "Nonhuman Elements and the Grid" (pp. 201-227), com destaque para elementos iconográficos e complementares como os cep-tros, os altares de oferendas, os animais, e a esmerada colocação dos hieróglifos.

O capítulo conclusivo intitula-se "Changing Proportions and Style", com uma análise sobre as proporções e o estilo das três primeiras dinastias, as alterações ocorridas da IV à VI dinastia, o Primeiro Período Intermediário e o estilo tebano pré-unificação, o Império Médio, as características da XVIII dinastia ao Terceiro Período Intermediário, o arcaísmo das XXV e XXVI dinastias, enfim, o período ptolemaico e a ocupação romana (pp. 228-259).

Para rematar, à bibliografia, bem recheada (pp. 273-278), segue-se o Índice remissivo (pp. 279-283).

Trata-se de mais um trabalho que vem enriquecer a já abundante bibliografia de temática egíptológica. Talvez não se revele tão interessante e apelativo para quem não tenha já alguns conhecimentos básicos sobre as formas estético-gráficas próprias do estilo egípcio, dado que a apresentação densa e a aturada justificação da matéria exposta se reveste por vezes de uma grande complexidade. Mas sem dúvida que esta Obra de Gay Robins, muito valorizada pelos excelentes desenhos de Ann S. Fowler, providenciará a estudiosos da arte pré-clássica e a admiradores da civilização faraónica um inestimável apoio para uma melhor compreensão das regras e dos cânones seguidos pelos artistas egípcios. E certamente, como a própria Autora espera e deseja (prefácio, p. VII), estimulará os futuros trabalhos de investigação que, neste domínio, os egíptólogos mais vocacionados para os temas artísticos pretendam desenvolver.

Luís Manuel de Araújo